

Ilusão de igualdade

Niemeyer acha que mudança da capital não alterou Brasil

Oscar Niemeyer mantém laço forte com Brasília, apesar de morar no Rio. E Brasília não rompeu o cordão umbilical com seu criador. Niemeyer não completou sua obra; quase tudo na capital é feito com sua autorização. Aos 92 anos, ele acaba de concluir as maquetes do setor cultural. Concede a entrevista em seu escritório, em Copacabana.

Não quer mostrar os projetos. Segundo ele, ainda dependem da última aprovação do governador do DF, Joaquim Roriz. Trata-se do Arquivo Nacional, a Biblioteca Nacional, um museu de artes e um centro cultural, com passagem subterrânea para o Teatro Nacional.

Nesta entrevista, Niemeyer comenta o que representa Brasília para o país e lembra a construção da cidade, quando, jura, todos eram homens iguais. Conta que sua utopia desabou no instante que os políticos chegaram à capital. A "cidade dos homens iguais", com que tanto sonhou, deixava de existir.

Gazeta Mercantil - O projeto de JK de levar desenvolvimento ao interior via arquitetura e urbanismo

foi bem sucedido com Brasília?

Oscar Niemeyer - Foi um projeto positivo. Muitas cidades floresceram com a construção da nova capital. No aspecto de ocupação do território, Brasília deu certo.

GZM - *Que diferença há entre a Brasília real e a projetada?*

Niemeyer - Talvez eu devesse ter sido mais prático. Eu não queria uma cidade qualquer, e sim uma capital do país, uma metrópole.

O problema da Brasília real é que ela cresceu demais. Houve muita intervenção num espaço que deveria se restringir a habitações no Plano Piloto. Aprovaram as cidades-satélites, um contra-senso com o projeto.

Não contávamos com a inclusão de novos aglomerados urbanos. É preciso conter o processo para proteger Brasília do número excessivo de gente. Ela reflete o desacerto das cidades brasileiras. O tráfego e a ocupação se descontrolaram. O importante é evitar novas áreas de habitação coletiva. Não é difícil. O

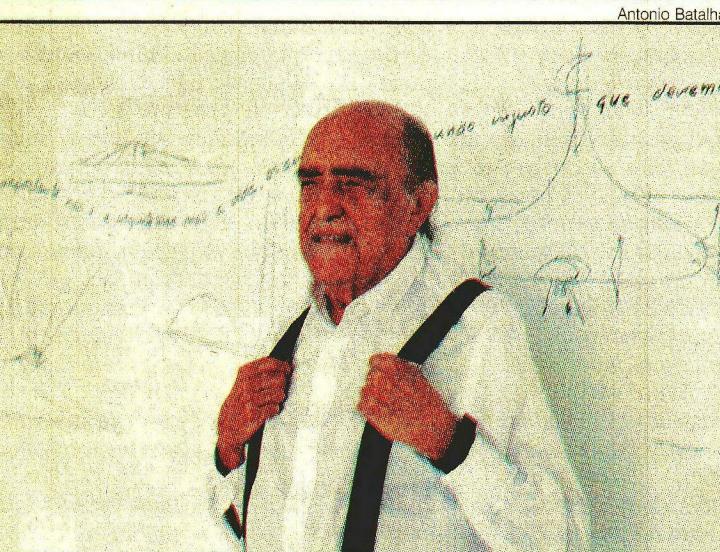
poder político tudo pode. O povo deve entender o problema e mudar a situação. Brasília passou por governos bons e ruins. Às vezes aparecem os que querem degradar a capital. Os militares se desinteressaram pelos bens públicos. Surgiram prédios que nada tinham a ver com o projeto. Nossa preocupação era construir algo melhor que cidades-satélites.

GZM - *E o governo atual do DF?*

Niemeyer - Roriz pensa em melhorar e cumprir sua promessa de terminar Brasília, concluindo o Eixo Monumental. Projetei um grande museu, o arquivo, a Biblioteca Nacional e um grande prédio com auditórios para música popular e cinema.

GZM - *Essas construções não estavam no projeto original?*

Niemeyer - Estavam. Mas a gente tem que redesenhar os quando demoram a ser feitos. É preciso readaptar os projetos. Biblioteca hoje é diferente do que pensávamos há 30 anos. O setor cultural deve melhorar a cidade,



Oscar Niemeyer: projeto feito às pressas para saciar JK

mas não sei se vão fazer o que apresentei. Uma cidade é feita da própria vida, com todos os seus aspectos.

GZM - *O que significou a construção de Brasília para o sr.?*

Niemeyer - Foi a aventura mais importante da minha vida. Começou com a Pampulha em 1940. Brasília foi a continuação do projeto de JK de civilizar o interior do Brasil. Foi um sonho bem realizado de JK. Quis produzir algo leve e criativo, arquitetura de invenção. Brasília está tombada, o que dá possibilidade de ela ser mantida e cuidada. A impressão mais forte é a da pressa. Não houve tempo para refletir. Foi sentar e desenhar tudo na prancheta. O Congresso surgiu sem um programa. Eu e o Israel Pinheiro medimos o Palácio Monroe do

Rio e desenhamos o novo prédio, sem pensar no número de políticos. A ordem era correr. Não conversei com ninguém, fui fazendo.

GZM - *A Pampulha foi assim?*

Niemeyer - Foi. O JK me pediu o projeto de um centro de diversões para as 5 da manhã do dia seguinte. Em Brasília, repetiu-se a Pampulha, e não só na arquitetura; na urgência também. Brasília foi uma coisa fantástica até para hoje, construir uma cidade em quatro anos. Isso deu a nós, brasileiros, a convicção de que sabíamos fazer as coisas. Tudo isso não teria sido possível sem a tenacidade de Israel Pinheiro, hoje esquecido.

GZM - *Brasília foi uma utopia?*

Niemeyer - Brasília significava para

todos a terra da promissão. Durante sua construção, vivemos um sonho igualitário. Quando penso em Brasília, lembro como nossa vida era diferente. Todos sofriam de solidão, mas a gente bebia, conversava e tocava violão para afastar a tristeza. Era um clima fraterno. Tivemos a ilusão de que tudo iria mudar e estávamos vivendo a futura sociedade dos homens iguais, num mundo sem preconceitos. Queríamos que a vida brasileira se tornasse mais decente. Mas nada mudou. A ilusão se desfez no instante em que se mudaram para a capital todos os órgãos federais, transplantando todos os vícios do Rio. A utopia se perdeu quando as diferenças, as roupas e os hábitos da antiga capital subiram o Planalto.

GZM - *A disposição urbana e arquitetônica de Brasília não propiciou o golpe militar de 1964?*

Niemeyer - O golpe era inevitável porque quem estava no comando eram os Estados Unidos e os reacionários. Foi um clima de conivência e humilhação. Brasília não tinha nada a ver com isso. Poderia ter acontecido em qualquer lugar. As ordens vieram dos Estados Unidos. Não há motivo para estigmatizar Brasília.

GZM - *Qual a solução para a miséria brasileira/brasileira?*

Niemeyer - Não é a arquitetura que vai resolver isso. Para melhorar é preciso sair às ruas. No dia que o povo compreender que a miséria é totalmente inaceitável, a coisa muda.

(L.A.G.)